



Clíticos em complexos verbais em português

Marco Antonio Martins (UFRN)

RESUMO: Tomando por base os pressupostos teórico-metodológicos da sociolinguística variacionista, tenho por objetivo, neste artigo, apresentar a descrição e a análise dos padrões de ordenação de clíticos em estruturas verbais complexas em textos escritos por brasileiros e por portugueses, nascidos, respectivamente, em Santa Catarina (no sul do Brasil) e em Lisboa, no curso dos séculos 19 e 20. Os resultados obtidos mostram que, em contraste com a escrita lisboeta, a construção com próclise ao verbo não-finito em estruturas verbais complexas, característica da gramática inovadora do Português Brasileiro, é bastante recorrente na escrita catarinense.

Palavras-chave: mudança sintática; clíticos; complexos verbais; português brasileiro.

Introdução

Os objetivos a serem perseguidos neste artigo se desdobram em duas direções¹: (i) descrever e analisar, tendo em vista a teoria da Variação e Mudança linguística (cf. WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968; LABOV, 1972, 1982), os padrões empíricos de ordenação de clíticos em estruturas verbais complexas em português em duas amostras de textos escritos por brasileiros e portugueses nascidos no curso do século 19 e 20; e (ii) verificar se os padrões de ordenação atestados nos textos de brasileiros podem ser entendidos como reflexos de um processo de mudança gramatical que está na origem do Português Brasileiro (PB, doravante). Os dados em análise são extraídos de vinte e quatro peças de teatro escritas por brasileiros, nascidos no litoral de Santa Catarina, e de vinte e uma peças de teatro escritas por portugueses, nascidos em Lisboa².

¹ Este artigo é uma versão revisada de parte do segundo capítulo de minha tese de doutorado, defendida na Universidade Federal de Santa Catarina (cf. M. A. MARTINS, 2009).

² Fazem parte do *corpus* os seguintes textos e respectivos autores: (i) peças de teatro escritas por brasileiros nascidos no litoral de Santa Catarina – *A casa para alugar* (1867) e *Quem desdenha quer comprar* (1868), de **José Cândido de Lacerda Coutinho** (1841-1902); *Raimundo* (1868), de **Álvaro Augusto de Carvalho** (1829-1865); *Os ciúmes do capitão* (1880), de **Arthur Cavalcanti do Livramento** (1853-1897); *Um*

Muitos estudos já mostraram que a sintaxe de ordenação de clíticos em estruturas verbais complexas tem propriedades particulares em português (PAGOTTO, 1992, 1993; LOBO, 1992; VIEIRA, 2002; CARNEIRO, 2005). Entendo por construções complexas as sequências V_1 *finito* + V_2 *não-finito (ou temático)* em que um clítico pode estar anteposto/posposto ao verbo finito ou ao verbo não-finito da estrutura. As possibilidades de ordenação estão, pois, associadas ao alçamento ou ao não-alçamento do clítico ao verbo finito de uma estrutura verbal complexa, o que tem sido denominado, no quadro teórico da sintaxe gerativa, subida de clíticos.

1. Organização/classificação/categorização dos dados

De acordo com o alçamento ou não do clítico ao verbo finito, os dados extraídos das peças de teatro escritas por catarinenses foram organizados e classificados tendo em vista duas variáveis: (I) construções COM alçamento, com duas variantes; e (II) construções SEM alçamento, com três variantes. Especifico as variáveis no que segue³.

I. Construções COM alçamento de clíticos

Variante I.1: $clV_1(X)V_2$ – próclise ao verbo finito (V_1) com ou sem a presença de material interveniente entre V_1 e V_2 (cf., respectivamente, dados em (1a) e (1b));

Variante I.2: $V_1cl(X)V_2$ – ênclise ao verbo finito (V_1) com ou sem presença de material interveniente entre V_1 e V_2 . Identifico essa construção quando há alguma marca

cacho de mortes (1881), *Dolores* (1889), *O idiota* (1890), *Fatos Diversos* (1892), de **Horácio Nunes** (1855-1919); *Brinquedos de Cupido* (1898), de **Antero Reis Dutra** (1855-1911); *A engeitada* (19??) de **Joaquim Antonio de S. Thiago** (1856-1916); *Hilda, a filha do suposto traidor* (1918), *Waltrudes, o nauta veneziano* (1918) e *A filha do operário* (1942), de **Ildelfonso Juvenal** (1884-1965); *Ilha dos casos raros* (1928), de **Nicolau Nagib Nahas** (1898-1934); *A morte de Damião* (1954) de **Ody Fraga** (1927-1987); *O dia em que os porcos comerão sal* (1978), *A Estória* (1970), *Os Lobos* (1980), *Fragmentos* (1991) e *O que a vida vez de mim, de nós* (1996), de **Ademir Rosa** (1950-1997); *O dia do Javali* (1982), de **Mário Júlio Amorim** (1939-); *Flores de Inverno* (1992) e *As quatro estações* (1998), de **Antonio Cunha** (1961-); *Agnus Dei* (1994) de **Sulanger Bavaresco** (1969-); (ii) peças de teatro escritas por portugueses nascidos em Lisboa – *O último acto* (1859) de **Camilo Castelo Branco** (1825-1890); *Inter duo Litigantes...* (1863) de **Eduardo Garrido** (1842-1912); *Para as Eleições* (1868) de **Júlio César Machado** (1835-1890); *Guerra aos Nunes* (1869) de **Matos Moreira** (1845-1899); *Clero, Nobreza e Povo* (1871) de **César de Lacerda** (1825-1903); *Quem desdenha...* (1874) de **Manoel Pinheiro Chagas** (1842-1895); *Paris em Lisboa* (1879) de **Carlos de Moura Cabral** (1852-1922); *O festim de Baltasar* (1894) de **Gervásio Lobato** (1850-1895); *O beijo do Infante* (1898) de **D. João da Câmara** (1852-1908); *Cavalheiro Respeitável* (1914) de **André Francisco Brun** (1881-1926); *A onda* (1915) de **Antônio Cardoso Ponce de Leão** (1891-1918); *Penélope* (1919) de **Manuel Gustavo de Abreu de Sousa** (1893-1980); *Viva da Costa!* (1925) de **Vasco Mendonça Alves** (1883-1962); *Lua-de-mel* (1928) de **Vitoriano de Sousa Feio Peixoto Braga** (1888-1940); *O trivial* (1928) de **Vitório Chagas Roquete** (1875-1940); *Três Gerações* (1931) de **Almícar da Silva Ramada Curto** (1886-1961); *A prima Tança* (1934) de **Alice Ogando** (1900-1981); *A menina Feia* (1954) de **Manuel Frederico Pressler** (1907-); *É urgente o amor* (1958) de **Luiz Francisco Rebello** (1924-); *Os preços* (1976) de **Jaime Salazar Sampaio** (1925-); *Antônio, um rapaz de Lisboa* (1995) de **Jorge Silva Melo** (1948-).

³ Importante se faz dizer que as estruturas verbais complexas encontradas nas peças de teatro são constituídas pelas seguintes construções verbais:

(i) (semi-)auxiliares temporais ou aspectuais: ir/vir + infinitivo; ter/haver + participio; ir/vir/estar/andar, ficar e acabar (aspectuais) + gerúndio;

(ii) Modais/aspectuais/volitivos/causativos/perceptivos e outros.

gráfica que garanta que o clítico está enclítico a V_1 (cf. (2)) ou quando há a presença de material interveniente entre V_1 e V_2 .

(1)

- a. Se o Sr. D. Manoel SE tivesse lembrado dos amigos velhos, teria tido, de certo muito bem que o auxiliasse. [CARVALHO, 1829]⁴
- b. Antônio – (Com leve despeito) Continua a zombar? Faz mal... Não digo mais que a verdade... E quer a senhorita saber mais? Foi somente com o fim de tornar-me agradável aos seus olhos que trabalhei com afincos na obra da minha regeneração... / Matilde – Oh! O senhor Avelar confunde-me... Em que LHE pude EU merecer tanto favor? [COUTINHO, 1841]

(2) Que punição merece então o homem, que vai, a sangue frio, calmo, com a consciência tranqüila, lançar a desonra e a morte no seio de uma família?... Pode-SE cometer outro qualquer crime, porque momentos há de desespero tão profundo, tão grande, que o homem perde a razão. [NUNES, 1855]

II. Construções SEM alçamento de clíticos

Variante II.1: $V_1(X)V_2cl$ – ênclise ao verbo não-finito (V_2) com ou sem a presença de material interveniente entre V_1 e V_2 (cf. dados em (3));

Variante II.2: $V_1(X)cl-V_2$ – próclise ao verbo não-finito (V_2) com ou sem a presença de material interveniente entre V_1 e V_2 . Identifico essa construção em duas situações: quando há material interveniente entre V_1 e V_2 (o que garante que o clítico esteja próclítico a V_2 , cf. (4a)) ou quando há “constituintes oracionais que desencadeariam necessariamente a próclise” (cf. (4b)), tendo em vista que nesses contextos a ênclise a V_1 não é atestada na diacronia do português.

(3)

- a. Zélia – Me dê os fios, you guardá-LOS! [ROSA, 1950]
- b. Que importa? Não you EU confiar-LHE tudo? (Ouve-se Antônio tossir). Ah!... Creio que me assustei sem razão... Escondamos isto! [COUTINHO, 1841]

(4)

- a. Vitor – Taí, conversar! Por que é que eu não me lembrei disso? Quem sabe você me conta as suas aventuras nos castelos, hei? Aquele negócio de arrastar correntes, atravessar paredes e andar com a cabeça debaixo do braço, hei? Você pode ATÉ ME ensinar! [AMORIM, 1939]
- b. Faça isso sempre. E se acordar mais cedo ainda do que estou, não terei uma hora de sono, com certeza. Mas NÃO posso ME queixar. Tô bem de saúde e tenho como vir todo ano aqui. [ROSA, 1950]

Variante II.3: V_1clV_2 – em tese, não é possível atestar nessas construções se há ênclise a V_1 ou próclise a V_2 , tendo em vista que nenhuma das alternativas listadas para a identificação da *variante II.2* foi observada (cf. dados em (5))⁵.

⁴ Os exemplos da amostra citados no texto virão com referência ao autor e seu respectivo ano de nascimento, cf. nota 2.

⁵ Considero a construção V_1clV_2 como variante da variável SEM alçamento de clíticos porque, me parece, e os resultados apresentados a seguir confirmam essa interpretação, é mais provável que o clítico esteja próclítico ao verbo não-finito.

- (5)
- a. Nunca, impossível? Porque? Sim, porque? Isso é o que nós veremos... Oh, que idéia! Vou escrever ao vizinho Mathias. Elle disse que tinha um plano. Vou LHE pedir que venha quanto antes! [LIVRAMENTO, 1853]
- b. 2 – (Sensibilizado)... pois daqui a pouco a gente pode SE amar... [ROSA, 1950]

Os dados extraídos das peças de teatro escritas por lisboetas foram classificados também de acordo com o alçamento ou não do clítico ao verbo finito da oração. Em relação às construções COM alçamento (I), encontram-se as mesmas variantes: *variante I.1* – $clV_1(X)V_2$; e *variante I.2* – $V_1cl(X)V_2$. No que se refere às construções SEM alçamento de clíticos, apenas orações com ênclise ao verbo não-finito – $V_1(X)V_2cl$ – foram encontradas. Como já dito, a variante com próclise ao verbo não-finito é uma inovação atestada apenas na gramática do PB.

2. Descrição e análise dos resultados

A amostra extraída dos textos catarinenses se constitui de 553 orações, sendo 188 COM alçamento de clítico e 365 SEM alçamento de clítico. As ocorrências das variantes em questão estão apresentadas, por autor, na tabela 1, a seguir.

AUTOR/ANO DE NASCIMENTO	Construções COM alçamento de clíticos		Construções SEM alçamento de clíticos		Cons truções ambíguas (VIcl V ₂)	OTAL
	($clV_1(X)V_2 / V_1cl(X)V_2$)		($V_1(X)V_2cl / V_1(X)clV_2$)			
Álvaro Augusto de Carvalho (1829-1865)	38 – 47%		3 – 9 – 49%		3 – 4%	0
José Cândido de Lacerda Coutinho (1841-1902)	69 – 64%		3 – 1 – 29%		7 – 7%	07
Arthur Cavalcanti do Livramento (1853-1897)	7 – 27%		1 – 7 – 65%		2 – 8%	6
Antero dos Reis Dutra (1855-1911)	1 – 6%		1 – 2 – 75%		3 – 19%	6
Horácio Nunes (1855- 1919)	26 – 23%		7 – 4 – 68%		9 – 8%	08
Joaquim Antonio de S. Thiago (1856-1916)	24 – 80%		5 – 17%		1 – 3%	0
Ildefonso Juvenal (1884-1965)	17 – 33%		3 – 1 – 60%		4 – 7%	2
Nicolau Nagib Nahas (1898-1934)	1 – 20%		4 – 80%		SEM DADOS	
Ody Fraga (1927-1987)	1 – SE		4 – 1		1 – 1 –	
Mário Júlio Amorim (1939-)	MDADOS		– 50%		50%	7
Ademir Rosa (1950-1997)	1 –		1		16 –	
Antônio Cunha (1961-)						
Sulanger Bavaresco (1969-)						

4%	0 – 37%	59%	6
2 –	3	28 –	
4%	6 – 54%	42%	0
1 –	5	4 –	
10%	– 50%	40%	4
2 –	1	10 –	
8%	2 – 50%	42%	

TOTAL

188 **2** **88 –**
– 34% **77 – 50%** **16%** **53**

Tabela 1. Padrões de ordenação de clíticos em estruturas verbais complexas COM e SEM alçamento de clítico na escrita catarinense dos séculos 19 e 20

Observe-se que as construções COM alçamento de clíticos para o verbo finito na estrutura verbal complexa são mais recorrentes em textos de catarinenses nascidos no século 19, se comparados com os textos daqueles autores nascidos no século 20. As taxas relacionadas à recorrência da variante COM alçamento chegam a 47% e 64% nos textos dos dois primeiros autores representantes da primeira metade do século 19 e caem gradativamente (com exceção do texto de *Joaquim Antonio de S. Thiago*, com 80%) até não ultrapassar a margem de 10% nos textos dos brasileiros nascidos no século 20.

Importante observar, ainda, que há um aumento gradativo nas taxas de uso das construções ambíguas, de 4% e 7% nos textos de Álvaro de Carvalho e de José Coutinho para 40% e 42% nos textos de Antonio Cunha e Sulanger Bavaresco.

Na tabela 2, a seguir, apresento as ocorrências de próclise e ênclise ao verbo finito apenas nas construções COM alçamento de clítico. É importante lembrar que a variação ênclise/próclise será desencadeada pela presença de “elementos proclitizadores” que precedem o complexo verbal, conforme dados da amostra em (7).

<i>Autor/ano de nascimento</i>	<i>clV₁(X)</i> <i>)V₂</i>	<i>V₁cl(</i> <i>X)V₂</i>	<i>TO</i> <i>TAL</i>
Álvaro Augusto de Carvalho (1829-1865)	30 – 79%	8 – 21%	38 69
José Cândido de Lacerda Coutinho (1841-1902)	59 – 85%	10 – 15%	7 1
Arthur Cavalcanti do Livramento (1853-1897)	7 – 100%	0 – 0%	25 24
Antero dos Reis Dutra (1855-1911)	1 – 100%	0 – 0%	17 1
Horácio Nunes (1855- 1919)	100%	0%	1
Joaquim Antonio de S. Thiago (1856-1916)	17 – 68%	8 – 32%	SE M DADOS
Ildefonso Juvenal (1884-1965)	20 –	4 –	1
Nicolau Nagib Nahas (1898-1934)	83%	17%	2
Ody Fraga (1927-1987)	15 –	2 –	1

Mário Júlio Amorim (1939-)	88%	12%	2
Ademir Rosa (1950-1997)	1 –	0 –	
Antônio Cunha (1961-)	100%	9%	
Sulanger Bavaresco (1969-)	SEM DADOS	SE M DADOS	
	0 –	1 –	
	0%	100%	
	2 –	0 –	
	100%	0%	
	1 –	0 –	
	100%	0%	
	2 –	0 –	
	100%	0%	
TOTAL	155 –	33 –	188
	82%	18%	

Tabela 2. Padrões de ordenação de clíticos em estruturas verbais complexas COM alçamento de clítico, *Variável I*, na escrita catarinense dos séculos 19 e 20

Há uma significativa queda no uso da variante $V_1cl(X)V_2$ em textos de autores catarinenses nascidos no século 20. Há apenas uma ocorrência de ênclise ao verbo finito no texto de *Mário Júlio Amorim* – nascido em 1939, conforme dado em (6) a seguir. De acordo com os resultados apresentados na tabela 2, quando há alçamento de clítico nos dados observados, há próclise a V_1 .

Algumas ocorrências da variante $clV_1(X)V_2$, COM alçamento de clítico e próclise ao verbo finito, estão listadas em (7), e da variante $V_1cl(X)V_2$, COM alçamento de clítico e ênclise ao verbo finito estão listadas em (8), no que segue.

(6) *Vitor (Obviamente irônico)* – E o que dizia a minha ficha? Pode-SE saber? [AMORIM, 1939]

(7)

- a. E agora ouçam mais: o patrão fez duas viagens conosco a Lisboa e ultimamente cai doente de bexigas, mas o Raimundo trata-o como filho, quando todos fugiam do pobre velho, com medo da peste: morre o velhote, que era pé de boi e NUNCA SE tinha atravancado com rabos de saia, com perdão da Sora úrsula e do mais mulherio... [CARVALHO, 1829]
- b. Se eu não tivesse hoje comido NÃO O estava agora aturando! [COUTINHO, 1841]
- c. Se por acaso repugna-lhe recordar esse fato, QUE TANTO ABALO LHE tem causado, falarei eu... [NUNES, 1855]
- d. É... mas NINGUÉM LHE tem visto de longe... [JUVENAL, 1884]
- e. *Meninas (em coro)* – Oh, ilusão, quão pouco duras! Somos quatro alminhas tenras, tão infantes, tão noviças, para sermos pela sorte preteridas. A vida NOS deveria ser mais generosa! Os percalços da derrota inda nos são estranhos, e o desconhecido é sorrateiro e imprevisível e cruel. [CUNHA, 1961]
- f. Acabei de conversar com o Bispo e A estamos tirando do caso. [BAVARESCO, 1969]⁶

⁶ Esse dado é bastante intrigante. Há alçamento do clítico para uma posição proclítica ao verbo finito em um ambiente neutro, ou não “desencadeador de próclise”.

- g. *Madre* – Sem filtro. Minha irmã costumava dizer que uma das poucas coisas QUE SE pode acreditar nesse mundo louco é a honestidade dos fumantes de cigarro sem filtro. [BAVARESCO, 1969]
(8)
- a. Deixa-ME descansar: estou moído. [CARVALHO, 1829]
b. Deixe-NOS apreciar algum pedaço de Rosini. [CARVALHO, 1829]
c. Ah, que se fosse em mim, tinha-A engolido sem achar uma espinha! [NUNES, 1855]
d. A insaciável ambição, os perversos instintos desse irmão roubaram-me tudo: a honra, o futuro e a adorada esposa e, sobretudo, a innocente filhinha! Minha filha! Em vão tenho-ME esforçado em procurar reconhecer o lugar certo onde a confiei a Providencia. [THIAGO, 1856]

As construções SEM alçamento de clíticos apresentam resultados igualmente interessantes; em particular, aqueles relacionados à variante $V_1(X)cIV_2$, SEM alçamento de clítico com próclise ao verbo não-finito, que é, como já referido, apontada por muitos autores como uma inovação da gramática do PB, tendo em vista que não é atestada na diacronia do português (PAGOTTO, 1992; 1993; GALVES, 2001; CARNEIRO, 2005).

Na tabela 3, apresento os resultados relevantes da variável SEM alçamento de clíticos e da variante ambígua V_1cIV_2 .

AUTOR/ANO DE NASCIMENTO	V $V_1(X)V_2cl$	V $V_1(X)cIV_2$	V V_1cIV_2	OTAL
Álvaro Augusto de Carvalho (1829-1865)	3 9 – 93%	0 – 0%	0 – 7%	2
José Cândido de Lacerda Coutinho (1841-1902)	3 0 – 79%	1 – 3%	1 – 18%	8
Arthur Cavalcanti do Livramento (1853-1897)	1 6 – 84%	1 – 5%	1 – 11%	9
Antero dos Reis Dutra (1855-1911)	1	1	1	5
Horácio Nunes (1855- 1919)	1 – 73%	– 7%	– 10%	3
Joaquim Antonio de S. Thiago (1856-1916)	6 8 – 82%	6 – 7%	6 – 11%	5
Ildfonso Juvenal (1884-1965)	5	0	0	3
Nicolau Nagib Nahas (1898-1934)	– 83%	– 0%	– 17%	5
Ody Fraga (1927-1987)	2 7 – 78%	4 – 11%	4 – 11%	4
Mário Júlio Amorim (1939-)	4	0	0	6
Ademir Rosa (1950-1997)	– 100%	– 0%	– 0%	4
Antônio Cunha (1961-)	1	0	0	6
Sulanger Bavaresco (1969-)	– 50%	– 0%	– 50%	4
	1	9	6 – 61%	2
	– 4%	– 35%	8 – 44%	2
	1	2	4	4
	4 – 22%	2 – 34%	8 – 44%	2
	1	4	4	4
	– 11%	– 44%	– 44%	4
	2	1	1	4
	– 10%	0 – 45%	0 – 45%	4
TOTAL	2	5	8	8
	19 – 60%	8 – 16%	8 – 24%	65

Tabela 3. Padrões de ordenação de clíticos em estruturas verbais complexas SEM alçamento de clítico, *Variável II*, e em construções ambíguas na escrita catarinense dos séculos 19 e 20

Os resultados mostram que há nos textos de catarinenses nascidos no século 20 uma queda no uso da variante $V_1(X)V_2cl$, com ênclise ao verbo não-finito (V_2), que variam de 73% a 100% nos textos de autores nascidos no século 19 e de 4% a 50% nos textos dos nascidos no século 20, conforme dados em (9); paralelamente, há um aumento significativo no uso da variante $V_1(X)cl-V_2$, com próclise ao verbo não-finito (V_2), com taxas de 0% e 3% nos textos dos dois primeiros autores nascidos no século 19 e de 44% e 45% nos dois últimos autores nascidos no século 20, conforme dados em (10); e há, ainda, um aumento da variante $ViclV2$, num contexto (aparentemente) ambíguo entre ênclise ao verbo finito ou próclise ao verbo não-finito.

(9)

- a. Previno-te que o senhor D. Luis vem cumprimentar-NOS, e que pediu-me licença para apresentar-nos um amigo. [CARVALHO, 1829]
- b. Com que então pretendendo fazer-me engulir a pillula pouco a pouco, hein?... Não será má a pilula que vou administrar-LHES. [LIVRAMENTO, 1853]
- c. A verdade. Quero também comunicar-LHE uma suspeita. Nas feições do salvador de Alberto, pareceu-me descobrir traços de Paulo. [THIAGO, 1856]
- d. *Homem* – Mas não sei se pode levá-LO à serio. Você viu como ele é supersticioso. [AMORIM, 1939]
- e. – Aponte outra saída (a cerca começa a ganhar contorno). Depois de pronta vou pintá-LA de brando. [ROSA, 1950]

(10)

- a. *Silvério* – Diz-ME uma cousa, Turibia; como é que este menino sahio assim ruivo, sendo eu tão moreno? / *Turibia* – NÃO posso TE explicar! Caprichos da natureza! [LIVRAMENTO, 1853]
- b. Pois bem, minha boa Clarinda. Estamos pobres. NÃO tenho TE dito para poupar te desgostos. Perdoa-me se é erro occultar a desgraça a quem amamos. [DUTRA, 1855]
- c. Tu nasceste por engano, e eu vou JÁ TE provar... Espera aí... [NUNES, 1855]
- d. JÁ está ME tardando a visita do tal idiota com quem o papai quer que eu me case... [NUNES, 1855]
- e. Sim, vou chamal-o, mas olhe bem: NÃO quero ME comprometter. [JUVENAL, 1884]
- f. *Vitor* – (...) Você NÃO tentou ME convencer?! Então?! Agora convence ele também! [AMORIM, 1939]
- g. *I* – De qualquer forma, se acontecer alguma coisa, eu NÃO vou TE denunciar. Disso pode ficar tranqüilo. [ROSA, 1950]
- h. *Ela* – Você NÃO está ME abandonando? / *Homem* – Nunca diga isso! [CUNHA, 1961]
- i. Ninguém está interessado em mandar uma freira para a prisão. NÃO estou LHE dizendo o deve decidir, Martha. Nem mesmo estou lhe exigindo que aceite o caso. Acontece que estamos sob grande pressão. [BAVARESCO, 1969]

A variante inovadora, SEM alçamento de clíticos e próclise ao verbo não-finito – $V_1(X)cl-V_2$, é atestada na escrita catarinense já nos textos de autores nascidos no século 19. Observe-se que, de acordo com os resultados expressos na tabela 3, há uma ocorrência nos

textos de *José Cândido de Lacerda Coutinho* – nascido em 1841, de *Arthur Cavalcanti do Livramento* – nascido em 1853 e de *Antero dos Reis Dutra* – nascido em 1855; seis ocorrências nos textos de *Horácio Nunes* – nascido em 1855; e quatro ocorrências nos textos de *Ildefonso Juvenal* – nascido em 1884. Nenhuma ocorrência foi registrada nos textos de *Joaquim Antonio de S. Thiago* – nascido em 1856 –, de *Nicolau Nagib Nahas* – nascido em 1898 – e de *Ody Fraga* – nascido em 1927. E nenhuma ocorrência de próclise ao verbo não-finito foi encontrada no texto do primeiro autor representativo do século 19, *Álvaro Augusto de Carvalho* – nascido em 1829.

Importante se faz salientar que, diferentemente da próclise em orações com o verbo em primeira posição absoluta, a próclise ao verbo temático (não-finito) em construções SEM alçamento do clítico ao verbo finito não parece ser um contexto sociolinguisticamente marcado. Nesse sentido, parece se justificar a maior recorrência de próclise nesse contexto quando comparada às taxas de próclise a V1 (cf. resultados apresentados em M. A. MARTINS, 2009).

As taxas da variante inovadora da gramática do PB, com próclise ao verbo não-finito $V_1(X)cl-V_2$, no curso dos séculos 19 e 20 e as médias simples marcadas em 1850, 1875, 1900, 1950 e 1975 estão listadas nos gráficos na figura 1, na sequência.

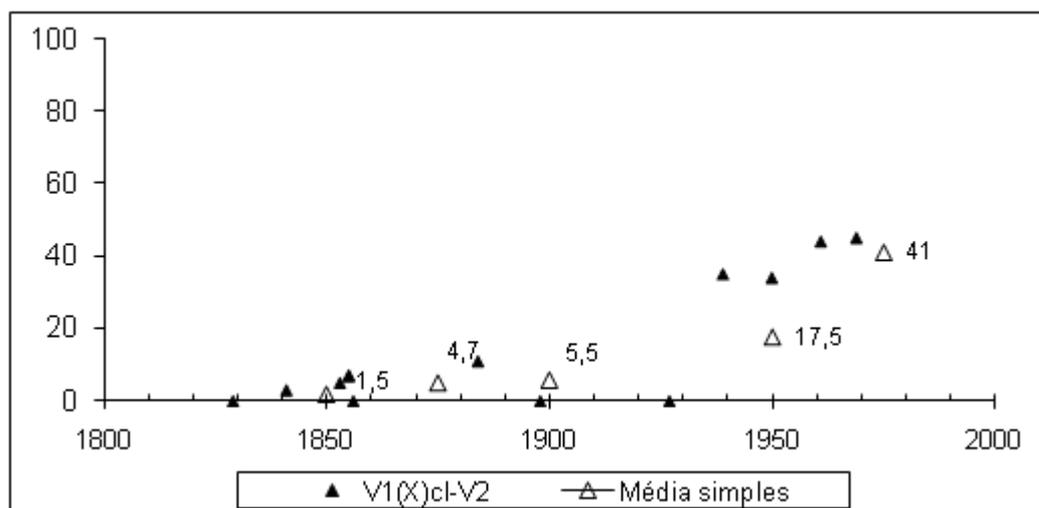


Figura 1. Próclise ao verbo não-finito em estruturas verbais complexas na escrita catarinense – construções $V_1(X)cl-V_2$

Note-se um aumento nas médias simples de 1,5% em textos de catarinenses nascidos no início do século 19 para 41% em textos daqueles nascidos no século 20. Esse aumento é ainda mais significativo quando consideradas as taxas da variante ambígua, V_1clV_2 . Os resultados relevantes estão expressos na tabela 4. Nessa tabela, somam-se os resultados relacionados às variantes $V_1(X)clV_2$ e V_1clV_2 .

AUTOR/ANO DE NASCIMENTO	$V_1(X)clV_2$	V_1clV_2	$V_1(X)clV_2$ e V_1clV_2
-------------------------	---------------	------------	----------------------------

		$IclV_2$	V	
Álvaro Augusto de Carvalho (1829-1865)	3	3	3	2
	9 – 93%	– 7%		
José Cândido de Lacerda Coutinho (1841-1902)	3	8	8	8
	0 – 79%	– 21%		
Arthur Cavalcanti do Livramento (1853-1897)	1	3	9	9
	6 – 84%	– 16%		
Antero dos Reis Dutra (1855-1911)	1	4		
Horácio Nunes (1855-1919)	1 – 73%	– 37%	5	5
Joaquim Antonio de S. Thiago (1856-1916)	6	1	3	3
	8 – 82%	5 – 18%		
Ildefonso Juvenal (1884-1965)	5	1		
Nicolau Nagib Nahas (1898-1934)	– 83%	– 17%		
Ody Fraga (1927-1987)	2	8	5	5
Mário Júlio Amorim (1939-)	7 – 77%	– 23%		
Ademir Rosa (1950-1997)	4	0		
Antônio Cunha (1961-)	– 100%	– 0%		
Sulanger Bavaresco (1969-)	1	1	6	6
	– 50%	– 50%		
	1	2	4	4
	– 4%	5 – 96%		
	1	5		
	4 – 22%	0 – 78%	2	2
	1	8		
	– 11%	– 89%		
	2	2		
	– 9%	0 – 91%		
TOTAL	2	1		
	19 – 60%	46 – 40%	65	65

Tabela 4. Padrões de ordenação de clíticos em estruturas verbais complexas SEM (construções não-ambíguas e construções ambíguas) alçamento de clítico na escrita catarinense, por ano de nascimento dos autores

Quando consideradas as próclises nas duas variantes $V_I(X)clV_2$ e $VlclV_2$ os percentuais são ainda mais significativos. As taxas de próclise ao verbo não-finito saem de 7% no texto de Álvaro Augusto de Carvalho – nascido no início do século 19 – e atingem 89% e 91% nos textos de Antonio Cunha e Sulanger Bavaresco – ambos nascidos na segunda metade do século 20. A próclise no contexto V_IclV_2 é bastante particular, porque, aparentemente, não há evidências sintáticas que possibilite afirmar se o clítico está enclítico ao verbo finito ou proclítico ao verbo finito. Entretanto, como a análise da colocação de clíticos em complexos verbais em peças de teatro lisboetas apresentada logo a seguir revela, esse contexto de “aparente ambiguidade” não é atestado na escrita de portugueses nascidos nos séculos 19 e 20. Em tais construções, parece se atestar, pois, próclise a V_1 .

Em (11), alguns dados da variante $VlclV_2$.

(11)

- a. Nunca, impossível? Porque? Sim, porque? Isso é o que nós veremos... Oh, que idéia! Vou escrever ao vizinho Mathias. Elle disse que tinha um plano. Vou LHE pedir que venha quanto antes! [LIVRAMENTO, 1853]
- b. Vitor – Você está SE aproveitando! [AMORIM, 1939]

- c. 2 – Não faz isso, rapaz. A igreja vai TE excomungar. Ela vai pensar que todo mundo é filha da santa. [ROSA, 1950]
- d. Eugênio – Não. Provalmente, não. Outras pessoas já me perguntaram a mesma coisa. Eu devo ME parecer com alguém que só eu não conheço. [CUNHA, 1961]

Projeto as taxas das variantes $V_1(X)cIV_2$ e $VIcIV_2$, somadas por ano de nascimento dos autores catarinenses, e as médias simples marcadas em 1850, 1875, 1900, 1950 e 1975 nos gráficos da figura 2, a seguir.

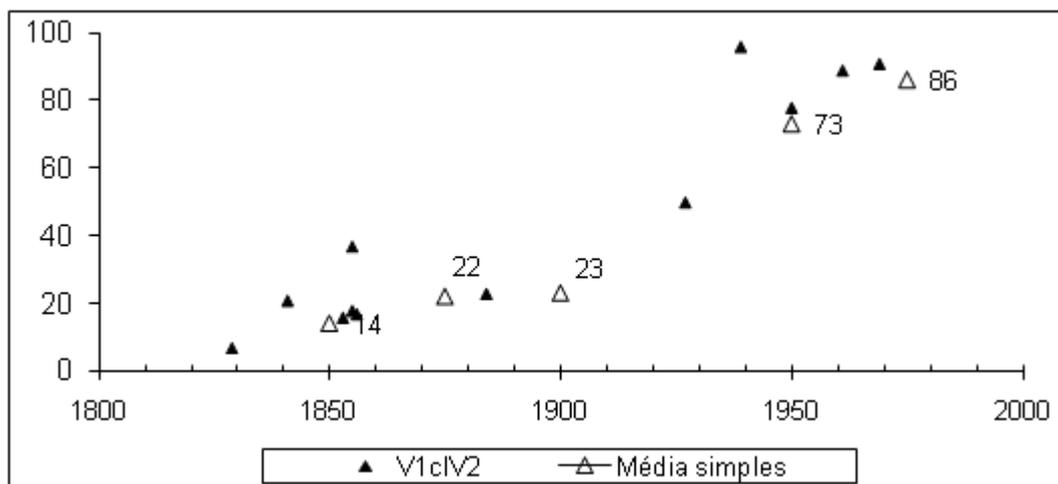


Figura 2. Próclise ao verbo não-finito em estruturas verbais complexas na escrita catarinense – construções $V_1(X)cIV_2$ e $VIcIV_2$

Os gráficos mostram claramente um aumento na proporção da construção com próclise ao verbo não-finito em estruturas verbais complexas no curso dos séculos 19 e 20. Note-se que a proporção dessa construção se acentua nos textos escritos por catarinenses nascidos no século 20 (com taxas bastante elevadas, atingindo 73% e 86%, nos textos dos últimos representantes deste século)⁷; no entanto, essas construções já se mostram presentes na escrita de catarinenses nascidos no curso do século 19 (14%, 22% e 23%).

⁷ Vieira (2002) apresenta uma análise dos padrões de colocação de clíticos, em lexias verbais simples e complexas, em amostras de língua falada e de língua escrita em três variedades do português: no PB, no PE e no Português Moçambicano. No que diz respeito aos resultados obtidos na análise em complexos verbais na modalidade oral do PB, Vieira analisa uma amostra extraída dos seguintes corpuses: do Projeto *Norma Lingüística Urbana Culta do Rio de Janeiro* (NURC/Rio), do Projeto *Programa de Estudos do Uso da Linguagem* (PEUL) e do Projeto *Atlas Etnolingüístico dos Pescadores do Estado do Rio de Janeiro* (APERJ). Os resultados apresentados pela autora mostram que, na amostra da modalidade oral do PB, 229 ocorrências de um total de 254 (90%) são de construções em que o verbo está entre V_1 e V_2 . Vieira denomina essa variante de *intra-ComplexoVerbal* e inclui nessa variante os contextos por mim apresentados sob a rubrica das variantes $V_1(X)cIV_2$ e $VIcIV_2$, cf. exemplos em (i) e (ii) da autora, a seguir. Na modalidade escrita do PB (numa amostra extraída de textos dos jornais brasileiros *Jornal do Brasil* e *O Globo*, a variante “intra-CV” também é majoritária: foram entradas 11 ocorrências de 21 dados da amostra (52%).

- (i) no supermercado eu não **tinha me lembrado**... e...viu... que quando você falou em compras eu pensei de compras de... mas isso ai eu gosto de comprar comida (PB oral, NURC, inq. 233, faixa B, nível 3)

Apesar de nos dar fortes indícios de mudança, o período correspondente aos séculos 19 e 20 é bastante reduzido para falarmos em mudança sintática via competição de gramáticas, sob as lentes da *Hipótese da Taxa Constante*, proposta por Anthony Kroch (1989; 2001). Necessário se faz projetar as taxas de próclise a V_1 encontradas na escrita catarinense a resultados de outros estudos sobre a diacronia do português.

Numa perspectiva também diacrônica, Pagotto (1992) apresenta uma análise da ordenação de clíticos em português com base numa amostra extraída de um cópulo de natureza vária⁸. Retomo na *figura 3*, a seguir, as médias simples extraídas das taxas de próclise ao verbo não-finito, na construção V_1 finito clV_2 não-finito, em textos dos séculos 16 a 20 encontradas pelo autor (PAGOTTO, 1992, p. 62).

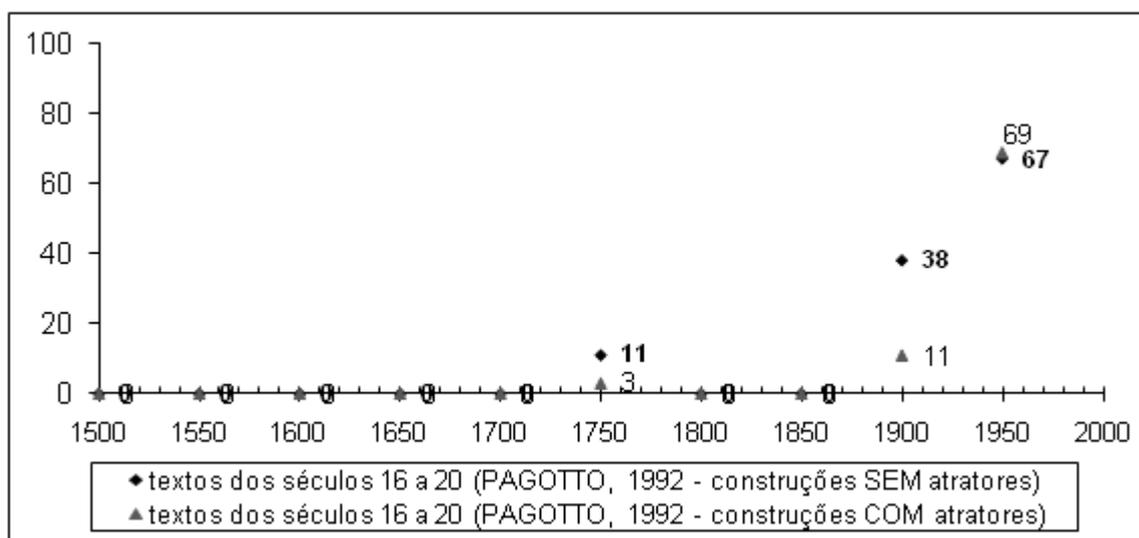


Figura 3. *Próclise ao verbo não-finito em estruturas verbais complexas na diacronia do português, por ano de publicação dos textos*

Observe-se que a construção inovadora da gramática do PB, com próclise ao verbo não-finito em estruturas verbais complexas, é já atestada em textos do século 18 (11% em contextos SEM atratores e 3% em contextos COM atratores). Por esse motivo defende Pagotto que 18 seja o século em que houve uma mudança paramétrica que está na origem da gramática vernacular brasileira.

(ii) eu vou **acabar me enrolando** que o negócio é bastante complicado... (não adianta) (PB oral, NURC, inq. 012, faixa A, nível 3)

(VIEIRA,

2002, p. 297)

Os resultados obtidos por Vieira evidenciam também, em conformidade com os resultados encontrados na escrita catarinense, que a variante $V_1(X)clV_2$ e V_1clV_2 , com próclise ao verbo não-finito em complexos verbais, é o padrão em amostras de língua falada (e mesmo escrita) do PB no século 20.

⁸ O cópulo sistematizado pelo autor inclui cartas de natureza diversa, documentos notariais e textos literários. A nacionalidade, assim como o ano de nascimento, dos autores dos textos é também diversificada e não especificada por Pagotto. Uma das variantes consideradas no estudo de Pagotto constitui casos de interpolação que possui uma sintaxe particular na história do português.

Confrontemos agora os resultados diacrônicos obtidos por Pagotto àqueles encontrados na escrita catarinense dos séculos 19 e 20. Vale lembrar que os resultados apresentados nas tabelas e gráficos anteriores sobre a escrita catarinense levam em consideração o ano de nascimento dos autores, pelo que, tendo em vista a comparação com os resultados de Pagotto que consideram o ano de publicação dos textos, apresento na tabela 5 que segue as taxas de $V_1(X)cIV_2$ e V_1cIV_2 por ano de publicação/apresentação das peças de teatro escritas por brasileiros nascidos em Santa Catarina (SC).

DATA DE PUBLICAÇÃO/APRESENTAÇÃO DOS TEXTOS	$V_1(X)cIV_2$	$V_1(X)cIV_2$ e V_1cIV_2	OTAL	T
<i>A casa para alugar</i> (1867)	10 –	6 –		1
<i>Quem desdenha quer compra...</i> (1868)	62% 21 –	38% 1 –	6	2
<i>Raimundo</i> (1868)	95%	5%	2	
<i>Os ciúmes do capitão</i> (1880)	39 –	3 –		4
<i>Um cacho de mortes</i> (1881)	93%	7%	2	
<i>Dolores</i> (1889)	16 –	3 –		1
<i>O Idiota</i> (1890)	84%	16%	9	
<i>Fatos Diversos</i> (1892)	6 –	2 –		8
<i>Brinquedos de Cupido</i> (1898)	75%	25%		3
<i>Hilda, a filha do supposto trahidor</i> (1918)	31 – 94%	2 – 6%	3	1
<i>Waltrudes, o nauta veneziano</i> (1918)	8 –	5 –	3	
<i>A filha do operário</i> (1942)	61%	39%		2
<i>A morte de Damião</i> (1954)	23 –	6 –	9	
<i>O dia em que os Porcos Comerão</i> <i>Sal</i> (1978)	79% 11 –	21% 4 –	5	1
<i>O dia do Javalí</i> (1983)	73%	27%		1
<i>A Estória</i> (1990)	8 –	2 –	0	
<i>Os Lobos</i> (1992)	80%	20%		1
<i>Fragmentos</i> (1991)	11 –	3 –	4	
<i>Flores de Inverno</i> (1992)	78%	22%		1
<i>Agnus Dei</i> (1994)	8 –	3 –	1	
<i>O que a vida fez de mim, de nós</i> (1996)	72% 1 –	28% 1 –		2 1
<i>As quatro estações</i> (1998)	50% 4 –	50% 7 –	1	2
	36%	64%	6	
	1 –	25 –		1
	4%	96%	2	
	4 –	8 –		2
	33%	67%	2	
	3 –	19 –		6
	14%	86%		2
	1 –	5 –		2
	17%	83%	2	
	0 –	2 –		1
	0%	100%	3	
	2 –	20 –		7
	9%	91%		
	2 –	11 –		

	15%	85%	
	1 –	6 –	
	14%	86%	
<i>TOTAL</i>	211	144	3
	– 60%	– 40%	55

Tabela 5. Padrões de ordenação de clíticos em estruturas verbais complexas SEM (construções não-ambíguas e construções ambíguas) alçamento de clítico na escrita catarinense, por data de publicação/apresentação dos textos

Os gráficos na figura 4 apresentam os percentuais de próclise V₁ em construções COM elementos atratores, em textos do século 16 a 20, conforme descrito por Pagotto, e em textos de catarinenses publicados no curso dos séculos 19 e 20⁹.

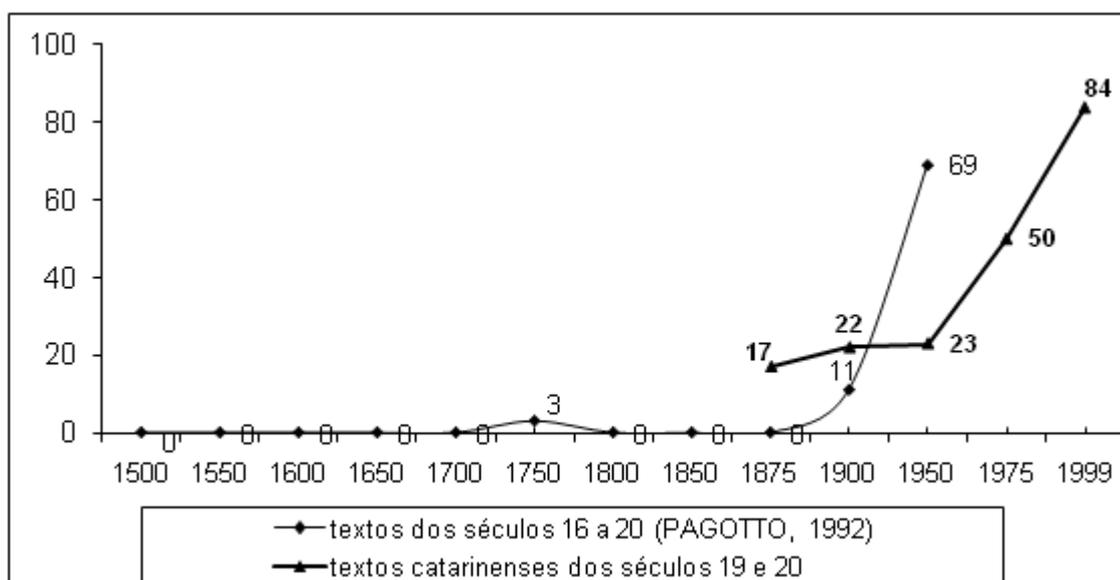


Figura 4. Próclise ao verbo não-finito em complexos verbais na diacronia do português, por data de publicação/apresentação dos textos

⁹ Os pontos marcados no gráfico referente à escrita catarinense, em 1875, 1900, 1950, 1975 e 1999, fazem referência às médias simples das taxas apresentadas na tabela 5 (38% em *A casa para alugar* (1867), 5% em *Quem desdenha quer compra...* (1868) e 7% em *Raimundo* (1968)5%, **que somam 17%, marcado em 1875**; 16% em *Os ciúmes do capitão* (1880), 25% em *Um cacho de mortes* (1881), 6% em *Dolores* (1889), 39% em *O Idiota* (1890), 21% em *Fatos Diversos* (1892), 27% em *Brinquedos de Cupido* (1898), **que somam 22%, marcado em 1900**; 20% em *Hilda, a filha do supposto traidor* (1918), 22% em *Waltrudes, o nauta veneziano* (1918) e 28% em *A filha do operário* (1942), **que somam 23%, marcado em 1950**; 50% em *A morte de Damião* (1954) **que soma 50%, marcado em 1975**; 64% em *O dia em que os Porcos Comerão Sal* (1978), 96% em *O dia do Javali* (1983), 67% em *A Estória* (1990), 86% em *Os Lobos* (1992), 83% em *Fragmentos* (1991), 100% em *Flores de Inverno* (1992), 91% em *Agnus Dei* (1994), 85% em *O que a vida fez de mim, de nós* (1996) e 86% em *As quatro estações* (1998), **que somam 84%, marcado em 1999**).

O gráfico com base nos resultados de Pagotto mostra que já em textos do século 18 se atestam construções com próclise ao verbo não-finito em complexos verbais, ou seja, construções características inovadoras da gramática brasileira. E quer em textos dos séculos 16 a 20 quer na escrita catarinense dos séculos 19 e 20, note-se que há um aumento significativo nas construções V_1cl/V_2 na passagem do início para o final do século 20 (de 11% para 69% e de 23% para 84%, respectivamente). Saliento, mais uma vez, que a próclise em contextos V1 e ao verbo não-finito em estruturas verbais complexas não é atestada na história do português e é considerada, por esse motivo, uma inovação da gramática do PB.

Observe-se que os 17% encontrados nos textos catarinenses reunidos em 1875 sugerem que a lacuna existente entre essa média e os 3% encontrados nos textos de 1750 pode estar correlacionada ao não-controle da autoria brasileira dos textos analisados por Pagotto. Os gráficos na Figura 4 sugerem um contínuo que parte de 3% em 1750 e atinge 17% em 1875 e 84% em 1999.

No tocante à escrita lisboeta dos séculos 19 e 20, 265 orações com colocação de clíticos em estruturas verbais complexas foram encontradas nas vinte e uma peças de teatro analisadas. Os resultados gerais, por construções e autores, estão listados na tabela 6, que segue.

<i>Autor/ano de nascimento</i>	$IV_1(X)V_2$	${}_1cl(X)V_2$	${}_1(X)V_2cl$	V
Camilo Castelo Branco (1825-1890)	0	0	0	7
Augusto César Correia de Lacerda (1825-1903)	0	0	3	1
Júlio César Machado (1835-1890)	0	0	0	4
Eduardo Garrido (1842-1912)	0	0	0	1
Manoel Joaquim Pinheiro Chagas (1842-1895)	0	0	4	6
João Batista de Matos Moreira (1845-1899)	0	0	0	6
Gervásio Jorge Gonçalves Lobato (1850-1895)	0	0	0	8
Carlos de Moura Cabral (1852-1922)	0	0	0	2
D. João Gonçalves Zarco da Câmara (1852-1908)	0	0	0	3
Vitório Chagas Roquete (1875-1940)	0	0	0	2
André Francisco Brun (1881-1926)	0	0	0	0
Vasco Mendonça Alves (1883-1962)	0	0	0	6
Amílcar da Silva Ramada Curto (1886-1961)	6	0	0	4
Vitoriano de Sousa Feio Peixoto Braga (1888-1940)	7	0	0	1
António Cardoso Ponce de Leão (1891-1918)	0	0	2	2
Manuel Gustavo de Abreu e Sousa (1893-1980)	2	0	0	6
Alice Ogando (1900-1981)	0	0	0	1
Manuel Frederico Pressler (1907-)	0	0	0	0
Luiz Francisco Rebello (1924-)	0	0	0	0
Jaime Salazar Sampaio (1925-)	0	0	0	0
Jorge Silva Melo (1948-)	0	0	0	0
TOTAL	09	8	38	1

Tabela 6. Padrões de colocação de clíticos em estruturas verbais complexas em peças de teatro portuguesas

O contraste encontrado nos textos escritos por lisboetas parece ser entre construções COM alçamento de clítico, em sua maioria com próclise ao verbo finito – $clV_1(X)V_2$ (cf. (12)), de um lado, e construções SEM alçamento de clíticos, com ênclise ao verbo não-finito – $V_1(X)V_2cl$ (cf. (13)), de outro lado.

(12)

- a. Bem ME queria a mim parecer! [MACHADO, 1868]
- b. Saiu a umas visitas, mas não SE pode demorar. [CABRAL, 1879]
- c. E já me disse que TE vai levar à tourada... [MELLO, 1996]
- d. José – A mãe tratou-a mau?... / Maria – Caíram-lhe as lágrimas e não deu um fala. A minha irmã assomou à porta. Lançou-nos a vista a uma e a outra e logo o coração lhe adivinhou a nossa conversa ou leu na minha cara não sei o quê – susto, a ânsia de saber o que a mãe iria fazer. Ficamos assim a modos que espantadas. A mãe a olhar para ela muito triste, muito triste com as lágrimas a correr pela cara abaixo... Só deu esta palavra: “Filha!”. Depois abraçaram-se a chorar e então eu... eu botei-me a rir, nem sei se de contente porque, já vê, a mãe tinha-LHE perdoado! E gritei-lhes para animar... “– tristezas não fazem vida e amores leva-os o vento!”. [ALVES, 1925]
- e. Olhe, tia, recomende-lhe que não lhe deite ossos... Outro dia ia-ME engasgando com um. [LOBATO, 1894]
- f. Pode-SE ver! [MELLO, 1996]

(13)

- a. Ia escrever-lhe: preciso muito falar-LHE. [LACERDA, 1871]
- b. Você podia belamente abri-LAS um bocadinho e espreitar, para ver se há denúncia ou se é só correspondência. [MACHADO, 1868]
- c. Não posso habituar-ME à idéia de que terei de renunciar a ser esposa de Ernesto! [MOREIRA, 1869]
- d. Lisboa vai parecer-TE horrível... [CABRAL, 1879]
- e. E tu também estás longe de mim, Branca. Tão longe que as minhas mãos, por mais que as estenda, não podem alcançar-TE... Mas penso em ti como se estivesse ainda ao pé de mim. Fecho os olhos e vejo-te na minha frente. Falo contigo. E digo-te o que nunca cheguei a dizer-te. [REBELLO, 1958]
- f. Mas como português, como cidadão, poderia eu furtar-ME a esta missão? [SAMPAIO, 1976]

É interessante observar, e deixar registrado, que não foram encontradas na amostra extraída dos textos de lisboetas nascidos nos séculos 19 e 20 construções ambíguas – V_1clV_2 , bastante recorrentes na escrita catarinense¹⁰. A ausência dessa construção na escrita lisboeta

¹⁰ No mesmo estudo referido na nota 7, a análise de Vieira (2002) dos padrões de colocação de clíticos em complexos verbais numa amostra do oral do PE, extraída do *Cópus Referência do Português Contemporâneo* (CRPC), mostra que a variante “intra-CV” não é tão recorrente na amostra, 92 ocorrências de 201 (46%). Uma análise particularizada dos dados apresentados pela autora, mostra que se tratam, em sua grande

vem reforçar a análise de que a variante V_1cIV_2 na escrita catarinense se trata, pois, de próclise ao verbo não-finito, ou da variante inovadora da gramática do PB.

Conclusões

Ao longo deste artigo, apresentei a descrição e a análise dos padrões de ordenação de clíticos em estruturas verbais complexas em textos escritos por brasileiros, nascidos em SC, e por portugueses, nascidos em Lisboa. A escrita catarinense reflete, de um lado, uma queda no eixo temporal no uso de construções COM alçamento de clíticos, com próclise ou ênclise ao verbo finito da estrutura; de outro lado, em praticamente todos os textos catarinenses dos séculos 19 e 20, em contraste com a escrita lisboeta, encontro uma construção instanciada apenas pela gramática do PB: construções SEM alçamento de clítico com próclise a V_1 , ou ao verbo não-finito – V_1+cIV_2 .

No que se refere às construções características da gramática do PB, dois quadros se apresentam: (1) quando consideradas apenas as construções não ambíguas, $V_1(X)cIV_2$, quais sejam (i) estruturas em que há material interveniente entre V_1 e V_2 ou (ii) estruturas em que há constituintes oracionais antes de V_1 que desencadeariam necessariamente a próclise, a média das taxas de próclise a V_1 sai de 1,5% no século 19 e atinge o percentual de 41% no século 20; (2) quando consideradas todas as construções V_1cIV_2 , incluindo os casos “ambíguos” sob a rubrica de variante II.3, evidencia-se, na escrita catarinense, um aumento bastante significativo: há uma curva em “S” que parte de 14% em textos do século 19 e alcança percentuais de 73% e 86% em textos do século 20 (cf. Figura 2).

Em conclusão, a próclise a V_1 em complexos verbais já aparece, significativamente, nos textos de catarinenses nascidos no século 19 e aumentam gradativamente nos textos daqueles nascidos no século 20. A próclise nesse contexto, em particular, como já referido, é uma inovação da gramática do PB, por não ser atestada em outros estágios do português, e parece estar presente na escrita brasileira já no século 18, conforme resultados de Pagotto (1992). No entanto, uma análise mais detalhada a partir de um corpus constituído de textos escritos no Brasil do século 18 (de preferência, a partir de textos cuja autoria – brasileira – seja identificada) se faz necessária.

ABSTRACT: According to the theoretical and methodological principles of sociolinguistics, I have a purpose in this paper to the description and analysis of patterns of ordering of clitics in complex verbal structures in texts by Portuguese and Brazilian writers, born respectively in Lisbon and in Santa Catarina in the course of the 19th and 20th centuries. The results show that, in contrast to the written Lisbon, a building with proclisis the non-finite verb in complex verbal structures, innovative feature of the grammar of Brazilian Portuguese, is widely applied in the writing of Santa Catarina.

maioria, de construções bastante específicas e COM alçamento de clítico e ênclise ao verbo não-finito, cf. (i) e (ii), a seguir.

- (i) *pois justamente ela está-nos a dar ah: maior responsabilidade* (PE oral, CRPC, inq. 1237, faixa B, nível 2)
- (ii) *vão tomando um lugar secundário... embora isso nos cause uma certa tristeza e passa-se então a ser... e passaram (então a) ser mais dominada pelo amor* (PE oral, CRPC, inq. , faixa, nível)
(VIEIRA, 2002, p. 271)

Keywords: syntactic change; clitics; complex verbal; Brazilian Portuguese.

Referências Bibliográficas

- CARNEIRO, Z. de O. N. *Cartas brasileiras (1809-1904): um estudo lingüístico-filológico*. 2005. Tese (Doutorado em Linguística). UNICAMP. Campinas, 2005.
- GALVES, C. *Ensaio sobre as gramáticas do português*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001.
- LABOV, W. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press. 1972.
- LABOV, W. Building on empirical foundations. In.: LEHMANN, W. P.; MALKIEL, Y. (eds.). *Perspectives on Historical Linguistics*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1982, p. 17-92.
- LOBO, T. (1992). *A colocação dos clíticos em Português. Duas sincronias em Confronto*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras.
- KROCH, A. (1989). Reflexes of Grammar in Patterns of Language Change. *Language Variations and Change*, 1, pp. 199-244.
- KROCH, A. (2001). Syntactic Change. In. Baltin & Collins (eds.). *The handbook of contemporary syntactic theory*. Massachusetts. USA: BlackWell, pp. 699-729.
- MARTINS, A. M. *Clíticos na história do português*. 1994. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras. Lisboa. 1994.
- MARTINS, M. A. *Competição de gramáticas do português na escrita catarinense dos séculos 19 e 20*. 2009. Tese (Doutorado em Linguística). Programa de pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. 2009.
- PAGOTTO, E. G. *A posição dos Clíticos em Português. Um estudo Diacrônico*. 1992. Dissertação. (Mestrado em Linguística). UNICAMP. Campinas. 1992.
- ROBINSON, J.; LAWRENCE, H.; TAGLIAMONTE, S. *GoldVarb: a multivariate analysis application for Windows*. Disponível em: <<http://www.york.ac.uk/depts/lang/webstuff/golvarb>>. Acesso em: 10 fev. 2001.
- VIEIRA, S. R. (2002). *Colocação pronominal nas variedades européia, brasileira e moçambicana: para a definição da natureza do clítico em Português*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ.
- WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. Empirical foundations for a theory of language change. In.: LEHMANN, W. P.; MALKIEL, Y. (eds.). *Directions for Historical Linguistics*. Austin: University of Texas, 1968, p.95-188.